



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

FACULDADE DE LETRAS

“SOLTEIRONA, SEM FILHOS”:

A TRADUÇÃO DE UM ARTIGO DA BBC SOBRE SER TIA SEM FILHOS E A

CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA DA MULHER EM UMA SOCIEDADE

PATRIARCAL

Laís Ferenzini de Miranda

Rio de Janeiro

2023

LAÍS FERENZINI DE MIRANDA

“SOLTEIRONA, SEM FILHOS”:

A TRADUÇÃO DE UM ARTIGO DA BBC SOBRE SER TIA SEM FILHOS E A
CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA DA MULHER EM UMA SOCIEDADE
PATRIARCAL

Monografia submetida à Faculdade de Letras
da Universidade Federal do Rio de Janeiro,
como requisito parcial para obtenção do
título de Licenciada em Letras na habilitação
Português/Inglês.

Orientadora: Professora Doutora Janine Maria Mendonça Pimentel

RIO DE JANEIRO

2023

FOLHA DE AVALIAÇÃO

LAÍS FERENZINI DE MIRANDA

DRE: 112091880

“SOLTEIRONA, SEM FILHOS”:

A TRADUÇÃO DE UM ARTIGO DA BBC SOBRE SER TIA SEM FILHOS E A

CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA DA MULHER EM UMA SOCIEDADE

PATRIARCAL

Monografia submetida à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Letras na habilitação Português/Inglês.

Data de avaliação ____/____/____

Banca examinadora:

NOTA: _____

Prof^a. Dr^a. Janine Maria Mendonça Pimentel – Presidente da Banca Examinadora

Universidade Federal do Rio de Janeiro

NOTA: _____

Prof. Dr. Rogério Casanovas Tilio

Universidade Federal do Rio de Janeiro

MÉDIA: _____

Assinaturas dos avaliadores: _____

CIP - Catalogação na Publicação

F349" Ferenzini de Miranda, Laís
"Solteirona, sem filhos": a tradução de um artigo da BBC sobre ser tia sem filhos e a construção identitária da mulher em uma sociedade patriarcal / Laís Ferenzini de Miranda. -- Rio de Janeiro, 2023. 29 f.

Orientador: Janine Maria Mendonça Pimentel.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, Licenciado em Letras: Português - Inglês, 2023.

1. Estudos da Tradução. 2. Tradução Jornalística. 3. Análise Crítica do Discurso. I. Pimentel, Janine Maria Mendonça, orient. II. Título.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer primeiramente a minha família por tudo que ela fez por mim, ajudando-me de toda forma possível nos momentos de dificuldade e nos momentos de angústia. O meu agradecimento vai também para os meus colegas de faculdade, amigos e amigas que foram parceiros fundamentais nessa jornada que é ser discente da UFRJ.

Não posso deixar de agradecer aos professores que transformaram a minha experiência na universidade e me fizeram perceber que as minhas capacidades eram maiores do que eu acreditava. À Profa. Dra. Janine Pimentel, minha orientadora, todo meu agradecimento pela paciência e pelos retornos sempre positivos e incentivadores. Meu eterno carinho, agradecimento e respeito à Profa. Dra. Janine Pimentel por me receber no Núcleo de Estudos da Tradução. Como parte desse grupo, tive a oportunidade de conhecer essa maravilhosa professora, que me orientou e me ofereceu as ferramentas para perceber que eu também posso ser tradutora, revisora, pesquisadora e ser agente de mudança principalmente para os grupos mais vulneráveis como, por exemplo, as mulheres em uma sociedade patriarcal como a brasileira.

Ferenzini, Laís. "Solteirona sem filhos": a tradução de um artigo da BBC sobre ser tia sem filhos e a construção identitária da mulher em uma sociedade patriarcal. 2023. 29f. Monografia (Graduação em Licenciatura em Letras na habilitação Português/Inglês) - Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2023.

O presente trabalho se baseia nas publicações da BBC em inglês e da BBC Brasil sobre ser tia sem filhos com foco na literatura dos Estudos de Tradução e na Análise Crítica do Discurso. Para tal, faço uso de bibliografia pertinente à compreensão dos textos pensando no discurso, nas escolhas lexicais e na tradução jornalística como atividade permeada de intenções do tradutor, assim como as implicações dessas produções jornalísticas para a sociedade. A tradução para a língua portuguesa do Brasil leva consigo aspectos culturais do país que deixam a narrativa com marcas de sexismo e machismo, desta forma contribuindo para fortalecer o machismo estrutural vigente na sociedade brasileira através de escolhas lexicais e discursos desfavoráveis às mulheres. No presente trabalho, essas escolhas reforçaram o discurso sexista e os estereótipos contra as mulheres, especialmente as “tias sem filhos”.

Palavras-chave: tia, sem filhos, mulheres, sexismo, tradução jornalística, análise crítica do discurso

ABSTRACT

This paper is based on BBC and Brazil publications on an article on being an aunt with no kids, focusing on the literature of Translation Studies and Critical Discourse Analysis. For this aim, I make use of relevant bibliography to understand the texts thinking on discourse, lexical choices and journalistic translation as an activity permeated by the translator's intentions, as well as the implications of these journalistic productions for society. The translation into Brazilian Portuguese takes with it cultural aspects of the country that leave the narrative with marks of sexism and chauvinism, thus contributing to reinforce the structural patriarchal viewed in Brazilian society through lexical choices and discourse unfavorable to women. In this paper, these choices reinforced the sexist discourse and stereotypes against women, especially “aunt with no kids”.

Keywords: aunt, no kids, women, sexism, journalistic translation, critical discourse analysis

Introdução	8
Capítulo 1 - A naturalização do discurso sexista acerca das mulheres	9
Capítulo 2 - A tradução jornalística para além da habilidade técnica	13
Capítulo 3 - Análise dos textos	17
Considerações finais	23
Anexo 1	25
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	27

Introdução

Este trabalho pretende analisar um artigo publicado pela BBC internacional em 8 de dezembro de 2021 sob o título “‘Aunt with no kids’: The women redefining family roles” (figura 1, anexo 1) e sua tradução para língua portuguesa publicada em 2 de janeiro de 2022 sob o título “‘Vivo rodeada de crianças sem partos nem insônia’: as tias sem filhos que transformam famílias” (figura 2, anexo 1) da BBC Brasil. A publicação original e a sua tradução trazem a proposta de mostrar que a tia sem filhos pode ter uma vida tão satisfatória quanto as mulheres que exercem a maternidade.

Interessa estabelecer que a mulher é vista como naturalmente pré-determinada a seguir o papel de mãe em uma sociedade patriarcal como a brasileira. Aquelas que ainda não se tornaram mães são impelidas a exercerem a maternidade seja pela ideia de que somente dessa forma se sentirão completas, experimentando o tão falado "amor incondicional", ou porque devem isso aos seus parceiros ou ainda porque não terão ninguém para cuidar delas quando a velhice chegar.

É lamentável que se construa no imaginário coletivo a imagem da mulher sem filhos, especialmente, a solteira, como alguém que falhou em seu papel social. Embora a trajetória da mulher na sociedade tenha alcançado diversas conquistas fruto de muitas lutas como o emblemático direito ao voto, ainda há muito a se avançar. Principalmente, se levarmos em conta as altíssimas taxas de violência contra a mulher e feminicídio no Brasil, o que mostra que há algo muito errado em relação à forma como a mulher é vista e tratada no país.

Esta monografia se propõe a incitar a discussão acerca de estereótipos que tanto prejudicam as mulheres, ceifando delas a liberdade de escolher de quais formas elas gostariam de viver e fazendo com que elas sofram com sentimentos de exclusão e de anormalidade em um momento que temos observado cada vez mais mulheres declarando o não desejo de ter filhos e questionando a maternidade compulsória, uma tendência tanto brasileira quanto mundial.

O presente trabalho foi pensado e estruturado com o intuito de discorrer sobre como o uso da linguagem e de outras formas simbólicas pode produzir um discurso sexista e desfavorável às mulheres através da análise de uma tradução jornalística. Para isso, são apresentados os conceitos de machismo, sexismo e misoginia e, conseqüentemente, a naturalização do discurso sexista, que juntos causam tantos prejuízos às mulheres (DRUMONT, 1980; MOTERANI; CARVALHO, 2016).

Em seguida, as atenções estão voltadas para a análise do texto original e da tradução

para Língua Portuguesa do Brasil a fim de identificar quais foram as estratégias utilizadas, quais informações foram mantidas ou suprimidas (HALLIDAY; MATTHIESSEN, 2004) através dos Estudos da Tradução (BIELSA; BASSNETT, 2009), especialmente a jornalística (ZIPSER e POLCHLOPEK, 2011), e da Análise Crítica do Discurso ou Análise de Discurso Crítica (FAIRCLOUGH, 2001). Por fim, levando em conta todas as questões discutidas no trabalho faço as minhas considerações finais.

Capítulo 1 - A Naturalização do Discurso Sexista Acerca das Mulheres

No início do ano de 2022, em 2 de janeiro, a BBC Brasil publicou um artigo sobre ser tia sem filhos, intitulado *Vivo rodeada de crianças sem partos nem insônia: as tias sem filhos que transformam famílias*. O artigo, tradução do que foi originalmente publicado na BBC internacional, surge em um momento em que despontam cada vez mais discussões sobre mulheres que não tiveram filhos seja pelas circunstâncias ou por escolha própria e a pressão que elas sofrem por não serem mães, uma vez que a maternidade é fortemente vinculada ao feminino, sendo considerada a verdadeira realização pessoal da mulher e algo intrínseco a sua existência. No entanto, muitas mulheres têm questionado a maternidade compulsória. Bordignon aponta como a cobrança pela maternidade ainda persiste até os dias atuais:

“Mulher e mãe, conceitos por milênios equiparáveis, supostamente teriam deixado de ser sinônimos. No entanto, a pressão coletiva que identifica como mulheres tão somente aquelas que seguem o caminho preestabelecido da maternidade permanece nas prescrições sociais até hoje (BORDIGNON, 2022, p. 12).”

No artigo jornalístico mencionado e que será examinado mais atentamente no presente trabalho, chamam a atenção termos como "solteirona, sem filhos", que é altamente depreciativo para as mulheres e que, assim como muitos outros, estão presentes no inconsciente coletivo. Quando se pensa em mulher sem filhos como "solteirona" está sendo atrelado a ela um estado civil e a terminação do vocábulo em "ona" carrega um tom pejorativo transparecendo que essa mulher, além de não ter filhos, não conseguiu um marido, dado que o casamento é visto como uma realização pessoal, especialmente para as mulheres. Amado (2016) retoma Byrne (2003) ao constatar que a construção da identidade se baseia no gênero, reforçando o estigma da mulher solteira, uma vez que enfatiza a heterossexualidade, o casamento e a maternidade. A autora se refere ao fato de as mulheres estarem bastante conscientes das percepções que os outros têm delas, as equiparando, segundo elas, a seres

assexuados ou as rotulando de lésbicas e/ou muito disponíveis sexualmente.

Na contramão da maternidade compulsória imposta às mulheres, temos observado que elas cada vez mais declaram o não desejo de ter filhos, uma tendência tanto brasileira quanto mundial. Não ser mãe, seja por escolha ou pelas circunstâncias, é algo extremamente desafiador para as mulheres que são ora rotuladas como egoístas quando não querem matinar, ora vistas como meras coitadas quando não conseguem engravidar e ter filhos. Bordignon atenta para o movimento crescente entre elas de questionar a maternidade como obrigatoriedade feminina:

“A maternidade é um tema que ainda é muito presente nas discussões sobre o gênero feminino. Já há algum tempo, as mulheres vêm escolhendo atrasar o momento de ter filhos ou até mesmo recusar a maternidade como um todo. Seria possível considerar que as décadas de conquistas dos direitos das mulheres chegam em um ponto de desvinculação da maternidade enquanto requisito para a caracterização do gênero feminino” (BORDIGNON, 2022, p.12).”

É interessante refletir sobre a diferença acerca da imagem que se tem dos homens em idade madura, solteiros e sem filhos. Esses continuam sendo percebidos como atraentes e bem sucedidos, ainda que não tenham se casado nem tido filhos após os 30 anos, como mostra Amado:

“A diferença de rótulos e estereótipos dados a uns e outros, é assim evidente, o que faz intuir que a sociedade é muito mais severa e implacável para com as mulheres solteiras do que para com os homens nas mesmas circunstâncias. Quase como se para eles o estado civil de solteiro fosse uma escolha, intencionalmente prolongada, e para elas uma fatalidade, algo que lhes foge ao seu controle” (AMADO, 2016, p.5).

Enquanto o homem tem o seu status favorecido devido a esse provável controle sobre as suas escolhas e o seu destino, a mulher é posta numa posição inferiorizada de refém do seu futuro com possibilidades mais escassas de reverter essa situação. Não é difícil imaginar que a inferiorização da mulher é realimentada por questões como machismo, misoginia e sexismo que a mantêm em uma condição desfavorável na sociedade. No machismo, ocorre um claro desequilíbrio de forças entre homens e mulheres em que o masculino se encontra em posição superior ao feminino, o que se expressa pelo comportamento, por meio de opiniões e atitudes prejudiciais às mulheres e na recusa da igualdade de direitos e deveres entre os gêneros sexuais. A distinção baseada no sexo vincula o masculino a força e a ação, já o feminino é associado a passividade, a doçura e ao instinto maternal. Mary Pimentel Drumont (1980, p. 81) nota que “o machismo é definido como um sistema de representações simbólicas, que mistifica as relações de exploração, de dominação, de sujeição entre o homem e a mulher”. Para Drumont (1980, p. 82), o machismo:

“[...] pode ser genericamente considerado como um ideal a ser atingido por todos os homens e acatado e ou invejado pelas mulheres. O machismo constitui, portanto, um sistema de representações-dominância que utiliza o argumento do sexo, mistificando assim as relações entre os homens e as mulheres, reduzindo-os a sexos hierarquizados, divididos em polo dominante e polo dominado que se confirmam mutuamente numa situação de objetos. Ao apropriar-se da realidade sexual, o machismo, em seu efeito de mistificação, supercodifica a representação de uma relação de poder (papéis sexuais, símbolos, imagens e representações eróticas, instituições sexuais, etc.) produzindo "duas linguagens": uma masculina e uma feminina. Nesta produção-re-produção de papéis, códigos, representações sexuais, etc, há produção do espaço aberto, no sentido dado à expressão "corpo sem órgão" por Guattari e Deleuze (6) da extorsão do prazer, do sentido, do poder, do objeto, etc, onde se reproduzem as próprias condições de subordinação da mulher. Assim, o machismo representa-articula (relações reais e imaginárias) esta dominação do homem sobre a mulher na sociedade.”

No Brasil, as mulheres são postas em situação de vulnerabilidade ao serem naturalizados comportamentos que as subjagam e as oprimem, sendo elas frequentemente vítimas de diversos tipos de violências como agressões físicas, perseguições e feminicídio, resultados de uma sociedade patriarcal, machista e também misógina. Apresentada como ódio ou aversão às mulheres, a misoginia pode se manifestar de várias formas incluindo a discriminação sexual, a difamação, a violência e a objetificação sexual das mulheres (MOTERANI; CARVALHO, 2016, p. 167).

No machismo e na misoginia, são principalmente os homens que reproduzem esses tipos de comportamentos enquanto que no sexismo, vemos também mulheres com pensamentos sexistas muitas vezes sem se dar conta disso. Acostumadas a serem ensinadas desde a infância a se enxergarem principalmente nos papéis de esposa, mãe e a estarem frequentemente associadas a atividades como a docência e a enfermagem, supostamente relacionadas ao feminino por se assemelharem à maternidade e ao cuidado, elas tendem a identificar certos comportamentos e atividades como essencialmente masculinos ou femininos. De acordo com Dicionário Michaelis Online, sexismo é um “conjunto de estereótipos quanto à aparência, atos, habilidades, emoções e papéis na sociedade, de acordo com o sexo. [...]”. "Preconceitos e discriminação que se baseiam no sexo" (MICHAELIS, 2015).

A mulher por estar fortemente ligada à maternidade experimenta uma invisibilidade quando se torna mãe, de modo que parecem não ser mais importantes o seu nome, a sua carreira e o mais intrínseco: a sua existência como mulher. Ser mãe sobrepõe-se a ser mulher, transformando-a em mãe de alguém e, essa torna-se a sua missão mais importante. De Moura e Araújo (2004) apontam o crescimento de um movimento feminino que abre mão do papel de mãe ideal e mencionam a insatisfação de parte das mulheres incluídas neste cenário ao

sentirem-se reduzidas à função materna. Mas não é só a mulher que se torna mãe que sofre com a invisibilidade, pois aquela que não teve filhos vive em uma espécie de limbo, especialmente se não for casada: ela não é mãe e nem a esposa de alguém. Enquanto a mulher que teve filhos exerce o papel de mãe, mesmo que não se relacione afetivamente com o pai do seu filho, constituindo um núcleo familiar (mãe+filho), a mulher solteira sem filhos é vista como incompleta, sendo aquela que não foi prevista e não foi esperada pela sociedade. Ela não formou uma família e, portanto, causa certo estranhamento. São frequentemente atribuídos às mulheres estereótipos e incutidos papéis que devem ser cumpridos como reconhece Biroli:

“Papéis atribuídos a elas, como a dedicação prioritária à vida doméstica e aos familiares, colaboram para que a domesticidade feminina fosse vista como um traço natural e distintivo, mas também como um valor a partir do qual outros comportamentos seriam caracterizados como desvios. A natureza estaria na base das diferenças hierarquizadas entre os sexos (BIROLI, 2014, p. 32)”.

Com a ideia de que ela deve ter dedicação prioritária à vida doméstica e aos familiares, essa mulher deveria cumprir direta ou indiretamente as atribuições de cuidadora em uma família seja em seu núcleo familiar como esposa e mãe ou em outro como tia. No artigo traduzido da BBC *Vivo rodeada de crianças sem partos nem insônia: as tias sem filhos que transformam famílias* são atribuídas várias funções a essas tias que sendo mulheres sem filhos teriam bastante tempo livre para se dedicar aos seus sobrinhos e exerceriam de alguma forma o seu suposto instinto maternal o que as validariam como mulheres e lhe dariam um lugar no mundo. Por não terem um núcleo familiar próprio, ela supostamente pegaria "emprestado" um núcleo familiar de outra pessoa para por em prática os seus atributos de cuidadora e protetora e ser aceita pela sociedade que, no entanto, perpetua os estereótipos e a exclui. Mansur (2003, p. 03) avalia que as mulheres sem filhos “são frequentemente estigmatizadas, e a manutenção dos preconceitos geralmente provoca sentimentos de exclusão e anormalidade”, pois a maternidade traria completude a mulher para que ela estabeleça a sua pertinência no mundo feminino e ocupe seu lugar no âmbito sociocultural. Essa mulher é aquela amiga ou tia sem filhos, que daria mimos aos seus sobrinhos, afilhados ou filhos dos seus amigos, o que contribui também o estereótipo da tia bem sucedida financeiramente, porém solitária e carente que, devido a incompletude que lhe é atribuída, estaria em constante busca de algo. "Ao não terem constituído a sua própria família, os solteiros são olhados com base naquilo que não são (em termos de papéis sociais - mãe, pai, marido ou mulher), ou que não têm. (AMADO, p.8, 2016)”.

Com as marcas de sexismo e machismo presentes no imaginário coletivo, contribui-se com o fortalecimento do machismo estrutural vigente no Brasil. Em uma sociedade patriarcal como a brasileira, não é difícil imaginar que devido a não exercer papéis normalmente previstos e aceitos para o universo feminino, as mulheres sem filhos sofram com a invisibilidade e com os desafios de lutar pela sua construção identitária.

Capítulo 2 - A tradução jornalística para além da habilidade técnica

Empresas de jornalismo costumam recorrer às grandes agências de notícias internacionais para aumentarem o volume e a diversidade de produções que elas publicam. O conteúdo jornalístico é então traduzido para o idioma do público-alvo desses veículos de imprensa. Há também veículos como a BBC, que é uma empresa de comunicação britânica, com subsidiária no Brasil, que tanto publica material primariamente em língua portuguesa quanto traduções a partir da BBC internacional. É o caso do artigo analisado no presente trabalho sobre a tia solteira sem filhos. Traduções deste tipo disseminam conteúdos para diversas partes do mundo, o que é importante no contexto atual em que informações circulam de forma cada vez mais veloz. De acordo com Yybíralová, “No contexto de um mundo globalizado, é benéfica a combinação entre jornalismo e tradução por trazer grandes ganhos à Era da Informação ao informar e facilitar o fluxo de informações” (VYBÍRALOVÁ, 2012, p.3).

A tradução no jornalismo é geralmente a do tipo consensual, baseada em um texto-fonte (TF) em que a função de tradutor é normalmente realizada pelo próprio jornalista. Para Zipser, (2002), tradução consensual é aquela na qual equivalência, literalidade e sentidos fixos e estáveis predominam, considerando o texto-fonte (TF) como referência para avaliar o processo. Para realizar essa tradução, o jornalista tradutor precisa apenas ter conhecimento do idioma do texto fonte do artigo ou matéria, além do estilo e da linha editorial do veículo que ele escreve.

No entanto, matérias estrangeiras que se distanciam geograficamente e culturalmente do leitor-final precisam ser adaptadas para a cultura de destino. Desta forma, como apontam ZIPSER e POLCHLOPEK (2011, p.147), o leitor, com base em suas próprias experiências, elementos e eventos do seu contexto local pode construir significados e efeitos de sentido que representem o que chamamos do fato-fonte e o aproximem dessa outra realidade.

É preciso levar em conta que o artigo traduzido tem que se encaixar nos chamados “valores-notícia”, que são as características que fazem do fato ser considerado relevante e

significativo o suficiente para ser noticiado. Mesmo matérias traduzidas de um TF por tradução consensual ou tradução literal, segundo o senso comum, só são veiculadas depois de passarem pelo crivo de editores-chefes, chefes de redação que podem vir a alterar os textos antes de serem publicados. Scammell retoma Bielsa, Wilke e Rosenberger ao apontar a necessidade de ajustar o conteúdo das notícias de acordo com as necessidades e experiências dos leitores:

“O conteúdo das notícias é ajustado para atender as necessidades do público- alvo com base no que é considerado relevante e no conhecimento de mundo que espera-se que o leitor possua” (tradução minha). (Bielsa, 2007; Wilke & Rosenberger, 1994 apud SCAMMELL, 2018, p.23)”.

Há pouco mais de cinquenta anos, surgiram as primeiras pesquisas sobre tradução e os teóricos têm se debruçado cada vez mais no estudo dos conceitos, das abordagens, no papel do tradutor e no processo de tradução em si. Temos, por exemplo, o estudo crítico de notícias como discurso que, segundo Karoly (2012) vem recebendo cada vez mais atenção nos últimos 30 anos, da mesma forma que houve um aumento do interesse nos estudos sobre a análise do discurso das traduções de notícias.

Da mesma forma que o jornalismo, a tradução de notícias também não consegue se isentar dos contextos sociais e culturais, sofrendo influência destes, o que nos leva a considerar a própria linguagem como manifestação cultural, estando sempre vinculada ao meio em que é produzida. Zipser (2002, p. 32) entende que a linguagem se constitui como produto de um meio social e processo formador de sentidos. Contar com o trabalho de um tradutor ou tradutora precisa envolver a confiança de que ele ou ela converterá adequadamente a mensagem originada em outro lugar. Ambas as partes, orador e ouvinte, dependem das habilidades e da boa fé do tradutor (BIELSA;BASSNETT, 2009).

Um texto jornalístico traduzido, por vezes, transforma-se em um artigo “reescrito” (BIELSA;BASSNETT, 2009). O trabalho do tradutor passa a ser não somente traduzir, mas o de criar outro material a partir do texto fonte, o que é incompatível com a principal técnica utilizada na tradução de notícias que, como mencionada anteriormente, é a do tipo consensual, delimitada pelo texto-fonte (TF).

O trabalho de traduzir artigos jornalísticos é função menos frequente para tradutores profissionais, enquanto é bastante comum para jornalistas, que tem a tradução como parte de suas atribuições (BIELSA;BASSNETT, 2009). Dessa forma, o papel do tradutor e da tradutora não é apenas o de traduzir, mas o de criar um conteúdo novo a partir do texto-fonte.

Entre os diversos tipos de traduções existentes, a de notícias tem características muito

específicas de acordo com Bielsa e Bassnett (2009, p.64) que apontam algumas das alterações realizadas nos artigos jornalísticos:

1. Mudança em título e subtítulo;
2. Eliminação de informações desnecessárias ou redundantes;
3. Adição de informação importante;
4. Mudança na ordem dos parágrafos;
5. Resumo de informações.

A tradução jornalística pode levar a tantas modificações que, por vezes, o texto se torna um artigo “reescrito” como mencionado anteriormente. O texto de origem não tem uma essência que deva ser respeitada no texto de chegada, não se exigindo que a sua forma e conteúdo sejam preservados sem alterações significativas na tradução, o que permite ao tradutor assumir um papel intervencionista (BIELSA;BASSNETT, 2009).

Ao falarmos sobre alterações realizadas durante uma tradução jornalística, precisamos levar em consideração que intervenções desse tipo podem implicar novas construções de significados. Para entender as variáveis de contexto, Halliday & Hasan (1989 apud BÁRBARA;MACÊDO 2009) explicam a divisão da linguagem em três metafunções:

- Metafunção experiencial ou ideacional representa processos verbais, assim como os participantes e as circunstâncias do evento comunicativo, veiculando a experiência de mundo do falante.
- Metafunção interpessoal representa os falantes, as suas intenções, as relações, a interação entre os participantes da situação e deles com a sociedade.
- Metafunção textual é realizado por decisões que o falante toma com relação à distribuição da informação; que componentes de sua mensagem escolhe para ser tema/rema e dado/novo. São escolhas que têm a ver com a construção da mensagem.

Ao olharmos para a perspectiva de Halliday & Matthiessen (2004) é possível perceber que as questões de intenção do falante e de ideologia no texto são contempladas pelas metafunções ideacional e textual visto que elas representam a forma como ele tece esse texto, organizando e fazendo as suas escolhas.

Em relação à metafunção ideacional, Bárbara & Macêdo (2008 apud ASSUMPCÃO 2009, p.97-98) mostram as semelhanças e diferenças na representação das mulheres nas sociedades brasileira e americana, em reportagens de jornais a partir da análise de como a mídia se refere a elas e aponta que, ao se tratar do feminino, as notícias enfatizam fatos como

tom de conquistas.

1. Mulheres conquistam cargos antes restritos aos homens.
2. Mulheres dominam universidades nos EUA.
3. Mulheres lideram (nos projetos).

A análise de textos, sejam eles originais ou traduzidos, é terreno fértil para a Análise Crítica do Discurso (ACD) ou Análise de Discurso Crítica (ADC) que tem uma preocupação em trabalhar o discurso como prática social e enxerga a linguagem como um processo social que condiciona as práticas na sociedade ao mesmo tempo em que recebe influências desta. O termo Análise Crítica do Discurso foi cunhado pelo linguista britânico Norman Fairclough, da Universidade de Lancaster, em um artigo publicado no periódico *Journal of Pragmatics*, em 1985, e pode ser entendido como

“uma abordagem que busca o equilíbrio entre forma e função nos estudos da linguagem, o que é uma de suas grandes contribuições, com uma orientação social e linguística, de cunho transdisciplinar uma vez que “não somente aplica outras teorias como também, por meio do rompimento de fronteiras epistemológicas, operacionaliza e transforma tais teorias em favor da abordagem sociodiscursiva” (RESENDE; RAMALHO, 2006, p. 14)”.

O mesmo pensamento é compartilhado por Bahktin (2004, p. 34) ao afirmar que a “palavra é a forma mais pura e sensível de relação social”. A essas questões, devemos acrescentar que “discurso é uma prática, não apenas de representação do mundo, mas de significação do mundo, constituindo e construindo o mundo em significado” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 90-91). Fairclough complementa o conceito de discurso ao afirmar que:

“Os discursos são manifestados nos modos particulares de uso da linguagem e de outras formas simbólicas, tais como imagens visuais [...]. Os discursos não apenas refletem ou representam entidades e relações sociais, eles as constroem ou as ‘constituem’; diferentes discursos constituem entidades-chave (sejam elas a ‘doença mental’, a ‘cidadania’ ou o ‘letramento’) de diferentes modos e posicionam as pessoas de diversas maneiras como sujeitos sociais (por exemplo, como médicos ou 73 pacientes), e são esses efeitos sociais do discurso que são focalizados na análise de discurso (FAIRCLOUGH, 2001, p. 22)”.

Sendo condicionada pela sociedade, a linguagem como processo social pode trazer discursos desfavoráveis às mulheres em traduções jornalísticas para a língua portuguesa do Brasil com marcas de machismo, misoginia e sexismo além de que (OLIVEIRA, 2013)

ideologias podem ser materializadas através desses processos linguísticos, problemática em que se debruça a Análise Crítica do Discurso (ACD).

De acordo com Lessa (p. 682-703, 2022), trabalhos de Caldas-Coulthard (1995, 1997, 2019) e, Heberle (2000, 2004) analisam as representações semióticas de mulheres em textos do campo jornalístico-midiático e observam como essas representações ainda estão fundamentadas em preconceitos e valores que perpetuam desigualdades sociais e de gênero. No estudo de Heberle (2000 apud Lessa, 2022), são realizadas perguntas sobre escolhas lexicogramaticais (vocabulário), aspectos macroestruturais (tema, gênero discursivo, elementos interdiscursivos), produção do texto e processos verbais – segundo a classificação de Halliday (1994) e sobre elementos visuais (cores, símbolos, figuras e ilustrações). Caldas-Coulthard (2019 apud Lessa, 2022) se atenta para a relevância dos elementos visuais uma vez que da mesma forma que a linguagem, as imagens também transmitem significados positivos ou negativos nas construções semióticas.

Trabalhos que analisam produções jornalísticas, sejam elas traduzidas ou originais, apontam para uma produtiva combinação entre estes estudos e a Análise Crítica do Discurso que entende a linguagem como manifestação cultural, processo formador de sentidos e produto de um meio social. Lembrando que a tradução jornalística pode adaptar o texto fonte para o público de destino, deve-se levar em consideração que intervenções do jornalista tradutor podem implicar novas construções de significados e a Análise Crítica do Discurso se dedicará às análises linguísticas e ideológicas destes tipos de conteúdos.

Capítulo 3 – Análise dos textos

Para investigar ambos os textos fonte e traduzido, o referencial teórico sobre linguagem, tradução e Análise Crítica do Discurso contribuirá para refletirmos sobre como a maneira em que um texto é traduzido pode influenciar na mensagem que ele transmite. Lembrando que “hoje é amplamente aceito, entre especialistas, que a tradução traz oportunidades de ressignificação e de reconstrução da realidade, pois toda tradução é uma atividade contextual e ideológica” (CERINEU; FERENZINI; PIMENTEL, 2021, p. 4). Desta forma, faz-se necessário analisar criticamente a tradução assim como também apontar possíveis caminhos no trabalho da pessoa que traduz.

Ao nos debruçarmos sobre a publicação em inglês e o conteúdo traduzido para o português, analisaremos informações suprimidas e mantidas, diferenças no layout, imagens, legendas, títulos, subtítulos, escolhas lexicais, ou seja, todos os tipos de elemento que podem produzir novos significados em um artigo jornalístico traduzido.

O artigo escrito em português do Brasil, analisado no presente trabalho, *'Vivo rodeada de crianças sem partos nem insônia': as tias que transformam famílias*, publicado um mês após o original da BBC internacional *'Aunt with no kids': The women redefining family roles* é uma tradução do tipo consensual em que temos literalidade, ou seja, em que se traduz “palavra por palavra” e equivalência que busca uma maior correspondência entre texto fonte e texto traduzido. No entanto, em um olhar mais aprofundado percebemos que mesmo em uma tradução consensual, diversos fatores somados implicam a mobilização de discursos como atenta Costa:

“Os modos pelos quais os textos são produzidos, distribuídos e consumidos permitem avaliar os tipos de conflitos e de consensos que organizam determinado espaço social. As maneiras pelas quais as cadeias de gêneros são constituídas, mantidas ou transformadas; a regulação dos discursos que são mobilizados, com suas metáforas, implícitos, estilos e vocabulários; e a relação dessas características discursivas a outros fatores não discursivos são formas de mensurar e de avaliar os modos de organização social, seus aspectos ideológicos e hegemônicos. Mudanças sociais estão sempre associadas a mudanças nos usos da linguagem, e o conceito de prática discursiva é o elemento-chave das análises (COSTA, 2013, p. 22)”.

Além de explicitar as diferenças entre texto original e texto traduzido, ter uma postura crítica faz-se necessário quando pensamos em realizar um estudo baseado nos preceitos da Análise Crítica do Discurso. Sendo um “raciocínio dialógico”, a ACD é uma forma de argumentação prática pautada na junção entre crítica, explanação e ação e pode ser caracterizada de acordo com (FAIRCLOUGH, N.; AGUIAR, p.37) em quatro passos:

1. crítica normativa do discurso;
2. explanação do discurso criticado normativamente em termos de propriedades dos estados de coisas existentes (realidade social existente);
3. crítica explanatória do estado de coisas existente;
4. defesa de uma ação para mudar o estado de coisas existente “para melhor”.

Em uma primeira impressão, o artigo jornalístico em língua inglesa e o artigo traduzido já apresentam diferenças no próprio layout, o que é relevante visto que além do corpo do texto, elementos visuais como títulos, subtítulos, hiperlinks, imagens e legendas produzem significados em um artigo jornalístico traduzido. O texto de origem (figura 1, anexo 1), ao ser acessado por um computador, apresenta um título com fonte pequena e foto principal grande, bastante valorizada ocupando toda a extensão da página. Enquanto isso, no texto de destino (figura 2, anexo 1), os caracteres do título são maiores e a foto é menor tendo

que disputar espaço com hiperlinks para outras matérias de assuntos não relacionados ao tema do artigo. Com um layout menos valorizado, o texto traduzido pode provocar dispersão da atenção do leitor que enxergaria o artigo como algo menos importante se comparado com o público do texto em inglês.

Ao analisarmos o texto fonte *'Aunt with no kids': The women redefining family role* e o texto de destino *'Vivo rodeada de crianças sem partos nem insônia': as tias que transformam famílias*, devemos refletir sobre a proposta do texto em inglês e o que pode ser alcançado pela tradução em português. A publicação da BBC internacional pretende mostrar que tias sem filhos podem ter uma vida plenamente satisfatória e que esse papel desempenhado por elas não seria inferior ao de mãe e sim apenas um caminho diferente que tem sido trilhado por muitas mulheres. No entanto, nem texto fonte nem texto de destino podem realmente ter atingido o objetivo de valorização da tia sem filhos uma vez que os leitores estão inseridos em uma sociedade repleta de estereótipos e ao invés de romperem com esses estigmas, esses textos podem tê-los reforçado ainda mais.

Após as impressões iniciais, podemos dar início a uma análise mais detalhada dos artigos original e traduzido, observando imagens utilizadas, títulos, subtítulos, legendas, escolhas lexicais e discurso mobilizado por esses e outros fatores.

Em um artigo jornalístico, a escolha da primeira foto é muito importante, pois a imagem vai impactar os leitores antes mesmo que eles tenham contato com o texto. Na primeira foto do artigo fonte (figura 1, anexo 1), uma mulher negra aparece com uma criança também afrodescendente em um local que parece ser um quintal, retratando possivelmente uma tia com a sua sobrinha. Na foto do artigo de destino (figura 2, anexo 1), aparecem duas mulheres brancas, aparentando descendência hispânica, uma delas segurando um bebê no colo. É curioso observar que o Brasil tem uma população em sua maioria negra, porém é no artigo da BBC internacional que aparece a foto de uma mulher negra. No artigo original, a tia parece ser mais valorizada uma vez que na foto ela está interagindo com a sua sobrinha, diferentemente do artigo traduzido em que ela é vista em segundo plano, possivelmente ao lado da mãe da criança.

Foram utilizadas cinco fotos para ilustrar a matéria traduzida, enquanto que texto fonte, apenas três. Ao passarmos os olhos pela publicação da BBC Brasil chama a atenção que a segunda foto (figura 3, anexo 1) mostra uma mulher madura e não atraente pelos padrões da sociedade atual que está com os braços estendidos, olhos fechados e com os lábios contraídos usando uma roupa de frio que não inspira muita elegância. Esses elementos

reforçam o estereótipo da tia como uma mulher estranha e excêntrica. Ao compararmos texto traduzido com texto original não há imagem nem legenda equivalentes enquanto o texto traduzido (figura 3, anexo 1) traz a legenda “Uma das imagens estereotipadas da tia é a da mulher excêntrica da família”. A foto usada depreciativa e a menção na legenda ao estereótipo sobre ser tia fazem com que a publicação traduzida ajude a reforçar estigmas sobre a mulher sem filhos, o que supostamente procuraria combater. Não se deve desconsiderar a construção de significados que escolhas desse tipo produzem como nos lembram Kress e van Leeuwen (2006 [1996]) ao sublinhar o efeito dos textos imagéticos e verbais na veiculação de um discurso. Para eles, “o que é expresso na linguagem através da escolha entre diferentes classes de palavras e estruturas semânticas, na comunicação visual é expresso pela escolha entre diferentes usos de cores e de estruturas composicionais” (KRESS; van LEEUWEN, 2006, p. 2). Desta forma, optar por uma foto estereotipada, desfavorável às mulheres, em especial às tias sem filhos, contribui para perpetuar preconceitos e reforçar estigmas já presentes na sociedade.

Quanto ao título da publicação original e da traduzida, que é o principal chamariz de um artigo jornalístico e vai determinar muitas vezes se uma pessoa lerá ou não o texto além de informar de forma sucinta o conteúdo que será exposto, vemos diferenças entre as duas versões. O título em português (figura 2, anexo 1) “Vivo rodeada de crianças sem partos nem insônia: as tias sem filhos que transformam famílias” é diferente da publicação em inglês e inclui um trecho do depoimento de uma mulher que defende as vantagens de ser tia sem filhos. Já o título em inglês (figura 1, anexo 1) “Aunt with no kids: The women redefining family roles” tem foco nos termos “Aunt with no kids” que estão logo no início do título. No texto de destino, o destaque fica para o depoimento de uma entrevistada.

Enquanto no título do artigo traduzido, o depoimento não convence acerca das vantagens de ser tia, o texto fonte é mais genérico ao dizer que as tias são mulheres que estão desempenhando novos papéis nas famílias, o que tem um tom mais positivo além de deixar essa questão em aberto para que o leitor avalie quais seriam esses benefícios e tire as suas próprias conclusões. Chama a atenção a presença de um trecho do texto de destino que resgata e reforça o estereótipo da solteirona sem filhos pela manutenção dos termos depreciativos “childless spinster” que foram traduzidos para “solteirona sem filhos” como pode-se ver a seguir:

Texto original: Through the interactions she had on her website, Notkin found that re-branding the disparaging concept of the “**childless spinster**” as a celebratory Pank enabled women to ‘recognise the role that they play as having meaning’.

Texto traduzido: Por meio das interações que teve no site, Notkin descobriu que reformular o conceito depreciativo da 'solteirona sem filhos' para uma celebrada Pank permitiu às mulheres 'reconhecer o papel que desempenham como tendo significado'.

Como foi mencionado no capítulo 1 desse trabalho, o uso dos termos "solteirona, sem filhos", que são pejorativos para as mulheres, vincula o valor feminino a um estado civil, o que leva a crer que essa mulher é inferior a aquelas casadas e com filhos. Com a manutenção dos termos presentes na publicação em inglês no texto de destino, poderia haver entre parênteses um posicionamento contrário do veículo de mídia ao uso desses termos depreciativos que não condizem com o que se espera de uma sociedade mais empática com as mulheres.

Outra questão a se destacar é a utilização da modalidade nos textos fonte e de destino com a presença constante do verbo modal “pode” e em menor quantidade do verbo modal “dever”. A modalidade, que é bastante comum em textos jornalísticos sejam esses originais ou traduzidos, pode ser vista em trechos como “aunthood can be a totally valid choice”, traduzido por “ser tia pode ser ‘uma opção totalmente válida’” e no fragmento “what women 'should' be”, que deu origem a “que mulheres 'deveriam' ser”.

De acordo com Fairclough (2001, p.199), na gramática, a modalidade, que corresponde a metafunção interpessoal da linguagem, é tradicionalmente associada aos 'verbos auxiliares modais' ('dever' - obrigação moral; 'poder' - permissão, possibilidade; 'poder' - capacidade, 'dever', etc.), embora existam outras formas de realizá-la como em “é provável que a terra seja plana”. A modalidade pode ser objetiva com a subjetividade implícita como em “a terra pode ser plana” e subjetiva como em “penso/suspeito/duvido que a terra seja plana” (FAIRCLOUGH, 2001, p.200).

Em suas formas deôntica e epistêmica, a modalidade pode exprimir obrigação e probabilidade, respectivamente. A modalidade subjetiva está relacionada ao grau de afinidade do enunciador com o seu discurso enquanto a objetiva ocorre no momento em que o ponto de vista não está tão bem explicitado, nem relacionado diretamente a um sujeito falante assim como em uma proposição universal referente a um grupo (IRINEU, 2022, p. 281).

Na forma epistêmica, o verbo poder está no domínio do valor da incerteza, relacionando-se com a crença da possibilidade da ocorrência de determinado evento, a partir do conhecimento de mundo do enunciador (IRINEU, 2022, p. 287-289). Operando nos eixos da possibilidade ou da probabilidade, o uso do verbo modal “pode” nos textos fonte (em inglês “can”) e traduzido analisados nesse trabalho é generalizador uma vez que assume a

possibilidade do papel de tiaser tão positivo quanto o de mãe, excluindo as mulheres que não vivenciam ou vivenciarão a experiência dessa forma como pode-se ver a seguir:

Legenda da primeira foto:

Texto original: sem legenda.

Texto traduzido: O papel de tia **pode** ser tão gratificante e benéfico quanto o de mãe.

No corpo do texto original: recognise aunthood for the rewarding, socially beneficial and even transgressive role it **can be**.

Subtítulo presente apenas na publicação em inglês e é composto por duas sentenças:

Texto original: More women without children are actively embracing the role of aunt. Experts say it's time we recognised aunthood for the rewarding, beneficial or even transgressive role it **can** be.

Texto traduzido: sem subtítulo.

No corpo do texto traduzido: é hora de voltar o olhar para o papel que as tias desempenham e reconhecê-lo como potencialmente gratificante, socialmente benéfico ou até mesmo transgressor.

Fragmento que contém “can” e ”pode”:

Texto original: She sees her embrace of the role as pushback against the “fierce” promotion of motherhood, and wishes more women were aware aunthood **can** be “a totally valid choice” instead.

Texto traduzido: Ela vê sua devoção a este papel como um ato de resistência à promoção “feroz” da maternidade e gostaria que mais mulheres soubessem que ser tia **pode** ser “uma opção totalmente válida”.

Na publicação em inglês, um fragmento do texto deu origem ao subtítulo enquanto no texto em português, outro trecho foi utilizado na legenda da primeira foto com pequenas modificações. No texto fonte, outro fragmento deu origem ao subtítulo e no texto de destino foi usado na legenda da primeira foto. Em ambos os casos, o uso da modalidade não transparece certeza acerca daquilo a que se refere, o que faz com que a defesa da valorização do papel de tia seja enfraquecida. O mesmo ocorre com o uso do modal “should”, traduzido por “dever”, visto que ele exprime uma suposta obrigatoriedade que pode não necessariamente ser cumprida como pode-se ver a seguir:

Fragmentos que contém “should” e “deveria”:

Texto original: Many portrayals have tended to position aunthood as a second- best option to motherhood, or a cautionary tale about women who operate outside the mainstream expectation of what women 'should' be.

Texto traduzido: Muitas representações tendem a colocar o papel de tia como a segunda melhor opção depois da maternidade, ou uma advertência para mulheres que agem à margem do que tradicionalmente se espera que as mulheres "deveriam" ser (segundo a sociedade tradicional).

Pela modalidade deôntica, o verbo "dever", que é inerente ao eixo da conduta, relaciona-se à linguagem das normas e classifica-se nos eixos da obrigatoriedade, no domínio do dever (IRINEU, 2022, p. 286). No texto analisado, fala-se sobre a expectativa de que as mulheres cumpram os papéis tradicionalmente esperados para elas, especificamente o da maternidade.

É interessante observar que em "operate outside the mainstream expectation of what women 'should' be", o verbo modal encontra-se em parênteses o que mostra que o enunciador quer relativizar "should", traduzido por "deveriam", por provavelmente discordar que as mulheres teriam que seguir certos padrões impostos pela sociedade, ou seja, há uma menção a um fato e ao mesmo tempo um posicionamento acerca dele. No entanto, o que vimos nos textos fonte e traduzido foi um discurso, através do texto e dos demais elementos: títulos, subtítulos, imagens entre outros, que reforçou os estereótipos acerca das tias sem filhos, diferentemente do que se propunha que era valorizar esse papel dentro da sociedade.

Considerações finais:

Esta monografia teve o objetivo de trazer reflexões acerca de como o uso da linguagem e de outras formas simbólicas pode produzir um discurso sexista e desfavorável às mulheres, enxergando a tradução jornalística como uma atividade permeada de intenções do tradutor e levando em conta que o discurso deve ser entendido como prática social.

Pautando-se da análise de uma tradução jornalística do inglês para o português do Brasil dos sites BBC e BBC Brasil respectivamente, pode-se ver que as estratégias usadas pelo tradutor-jornalista, a manutenção e a omissão de informações, o léxico utilizado, as escolhas de títulos, subtítulos, imagens, layout, entre outros, podem influenciar nas produções de significados e conseqüentemente no discurso produzido.

Nos últimos 30 anos, segundo Karoly (2012), o estudo crítico de notícias como discurso vem recebendo cada vez mais atenção, assim como a análise do discurso das

traduções de notícias. Devemos lembrar que o artigo traduzido precisa cumprir os requisitos de “valores-notícia”, características que o tornam relevante e significativo o suficiente para ser veiculado, devendo o seu conteúdo estar de acordo com as necessidades e experiências dos leitores, o que faz com que a notícia traduzida se torne por vezes num artigo “reescrito” (BIELSA;BASSNETT, 2009).

Para a análise do texto original e texto traduzido, utilizamos referencial teórico acerca da linguagem, da tradução jornalística e da Análise Crítica do Discurso, entendendo a ACD como “uma forma de argumentação prática pautada na junção entre crítica, explanação e ação” (FAIRCLOUGH, 2001, p.37), sendo necessário manter uma postura crítica assim como propor caminhos diferentes dos seguidos na escrita e tradução dos textos.

Ao analisarmos o texto fonte “‘Aunt with no kids': The women redefining family roles” e o texto de destino “‘Vivo rodeada de crianças sem partos nem insônia': as tias que transformam famílias” procuramos refletir acerca da proposta do texto em inglês e o que poderia ser alcançado pela tradução em português. A publicação original e a sua tradução tinham o intuito de mostrar que a tia sem filhos pode ter uma vida tão satisfatória quanto as das mulheres que exercem a maternidade, porém o material produzido trouxe um discurso sexista e reforçava estereótipos acerca da tia sem filhos diferentemente do que se propunha fazer. Escolhas infelizes de layout, de fotos e de léxico além do uso dos verbos modais “poder” e “dever” (que estão no eixo da probabilidade e da obrigação, respectivamente) reforçaram o discurso sexista e os estigmas contra as mulheres, especialmente as “tias sem filhos”. Devemos lembrar que para (FAIRCLOUGH, 2001, p.91), o “discurso contribui para a constituição de todas as dimensões da estrutura social que, direta ou indiretamente, o moldam e o restringem: suas próprias normas e convenções, como também relações, identidades e instituições que lhe são subjacentes”. Desta forma, é preciso ter mais cuidado na produção de conteúdo seja ele original ou traduzido visto que certas crenças estão fortemente arraigadas na sociedade e pode ser difícil perceber quando estamos combatendo estigmas e quando os perpetuamos.

Anexo 1

Figura 1



Figura 2

'Vivo rodeada de crianças sem partos nem insônia': as tias sem filhos que transformam famílias

Anna Jones
BBC Worklife

2 janeiro 2022



O papel de tia pode ser tão gratificante e benéfico quanto o de mãe

Principais notícias

Os 5 fatores que explicam alta mortalidade da febre maculosa
15 junho 2023

O que é a economia azul e por que ela é importante para a América Latina
Há 8 horas

'Vivemos a 8 mil km de distância, mas casamos após encontro virtual'
Há 9 horas

Leia mais



Figura 3



Uma das imagens estereotipadas da tia é a da mulher excêntrica da família.

Referências bibliográficas

AGUIAR, R.; PELÁ, M. Misoginia e violência de gênero: origem, fatores e cotidiano. *Revista Sapiência: Sociedade, Saberes e Práticas Educacionais*, v. 9, n.3, p. 68–84, 2020.

AMADO, Maria C de C. *Representações e vivências de mulheres solteiras sem filhos: O Estigma da solteirona na sociedade portuguesa*. Dissertação (Mestrado) - Instituto Universitário de Lisboa, Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Lisboa, 2016. Disponível em: <https://repositorio.iscte-iul.pt/handle/10071/12547>. Acesso em: 10 abr, 2023.

ABDAL, A. Sobre regiões e desenvolvimento: o processo de desenvolvimento regional brasileiro no período 1999-2010. Tese (Doutorado em Sociologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, p. 261. 2015.

BARBARA, L. & MACÊDO, C. M. Linguística Sistêmico-Funcional para Análise de Discurso: Um Panorama Introdutório. *Cadernos de Linguagem e Sociedade*, v.10, n.1, p.97-98, 2009.

BBC (2021) 'Aunt with no kids': *The women redefining family roles*. Disponível em: <https://www.bbc.com/worklife/article/20211208-aunt-with-no-kids-the-women-redefining-family-roles>. Acesso em: 10 jun, 2023.

BBC Brasil (2022) 'Vivo rodeada de crianças sem partos nem insônia': *as tias sem filhos que transformam famílias*. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/vert-cap-59685278>. Acesso em: 10 jun, 2023.

BIELSA, E. & BASSNETT, S. *Translation in Global News*. Abingdon: Routledge, 2009.

BIROLI, Flávia. *O Público e o Privado*. In: MIGUEL, Luis Felipe; BIROLI, Flávia (Orgs.) *Feminismo e Política*. Brasília: Boitempo, v.1, p.31-46, 2014.

BORDIGNON, Danielle M. *A imposição da Maternidade como violência em “The Joys Of Motherhood”, de Buchi Emecheta*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras, Porto Alegre, 2022. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/247983/001147859.pdf>. Acesso em: 10 fev, 2023.

CARVALHO, Felipe M. de; MOTERANI, Geisa M. B. *Misoginia: a violência contra a mulher numa visão histórica e psicanalítica*. *Avesso do avesso*, v. 14, n. 14, p. 167-178, 2016.

CERINEU, Camila; FERENZINI, Laís; PIMENTEL, Janine. Traduzindo o feminismo em Nossos corpos por nós mesmas. *Revista Indisciplina em Linguística Aplicada*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, p. 1-13, 2021. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/rila/article/view/45270/24336>. Acesso em: 6 jun. 2023.

COSTA, Alexandre F. da. *O fantasma estruturalista e a Análise de Discurso Crítica*. Discursos Contemporâneos em Estudo, v. 1, n. 2, p. 9-24, 2013.

CUNHA, A.G. *Lexicon: Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. 2007.

DRUMONT, M.P. *Elementos para uma análise do machismo*. Perspectivas, São Paulo, p. 81-85, 1980.

FAIRCLOUGH, N.; AGUIAR, M. S. *Análise crítica do discurso como raciocínio dialético: crítica, explicação e ação*. Revista de Estudos do Discurso, Imagem e Som - Policromias, v. 4, n. 2, p. 31-50, 2019. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/129571>. Acesso em: 28 maio 2023.

FAIRCLOUGH, N. *Discurso e Mudança Social*. Editora UnB: Brasília, 2001.

HALLIDAY, M. A. K. & MATTHIESSEN, C. *An Introduction to Functional Grammar*. London: Edward Arnold, 2004.

IRINEU, LUCINEUDO et al. (Org.). *Análise de discurso crítica: exercícios analíticos*. São Paulo: Pontes Editores, 2022.

KÁROLY, K. et al. *Cohesion and News Translation: An Exploratory Study of Shifts of Cohesion in the Hungarian–English Translation of News Stories*. Acta Linguistica Hungarica, v. 60, n. 4, p. 365–407, 2013.

KRESS, G.; VAN LEEUWEN, T. *Reading images: the grammar of visual design*. London, New York: Routledge, [1996] 2006.

LESSA, Monique de Mesquita. *Análise de Discurso Crítica Feminista no Brasil*. Revista X, Universidade Federal do Ceará, v. 17, n. 3, p. 682-703, 2022.

MANSUR, L. H. B. *Experiências de mulheres sem filhos: a mulher singular no plural*. Psicol. cienc. prof., Brasília, v. 23, n. 4, 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/qnKD9ggzVd4DvzpJVvNvtcx/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 12 fev, 2023.

OLIVEIRA. *A representação feminina nas propagandas televisivas: discursos de manutenção do sexismo*. Cadernos PDE. Secretaria Estadual de Educação do Paraná, v.1, 2013.

OLIVEIRA, R. C. de; LIMA, J. de C. P.; GOMES, R. F. *Machismo e discurso de ódio nas redes sociais: uma análise das “opiniões” sobre a violência sexual contra as mulheres*. Revista Feminismos, v. 6, n. 1, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/feminismos/article/view/30363>. Acesso em: 4 dez. 2022.

RESENDE, V. M.; RAMALHO, V. *Análise de discurso crítica*. São Paulo: Contexto, 2006.

SCAMMELL, *Translation Strategies in Global News*. Palgrave Macmillan: Stevenage, 2018.

SEXISMO. In: DICIO, *Dicionário Michaelis Online*. Editora Melhoramentos, 2015. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/sexismo>. Acesso em: 26 jan, 2023.

VYBÍRALOVÁ, H. *Journalistic Translation in the Selected Czech Press*. Tese (Tese de mestrado em Tradução em Língua Inglesa). Master programme: Translation and Interpreting/ English-language Translation. Masaryk University Faculty of Arts, 2012.

ZIPSER, M. E.; Costa, M., POLCHLOPEK, S., & Almeida, H. (2020). *Transversalidade e Novos Olhares em Tradução; a Interface tradução-jornalismo e a dinâmica da tradução como Representação Cultural*. Revista InterFACES, 145-159. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/interfaces/article/view/30127>. Acesso em: 27 mar, 2023.

ZIPSER, M. E.; POLCHLOPEK, Silvia. A. *A Tradução de Notícias: novos rumos para a Pesquisa em Tradução*. Tradução & Comunicação, n. 15, 2006, p. 45-53. Disponível em: <https://revista.pgsskroton.com/index.php/traducom/article/view/2196>. Acesso em: 12 mar, 2023.

ZIPSER, M. E. *Do fato a reportagem: as diferenças de enfoque e a tradução como Representação Cultural*. Tese (doutorado em língua e literatura alemã) – Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, USP, 2002.